
A cobertura do Jornal dos Sports sobre o primeiro título de um clube sul-americano na Copa Intercontinental¹

Sérgio Montero SOUTO²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Uma mirada contemporânea sobre o futebol brasileiro parece apontar o Mundial de Clubes como título mais importante na história de cada clube. Isso provoca mudança relevante na percepção sobre hegemonias e identidades. Ao estabelecer uma hierarquia do passado a partir do presente, opera-se, pelo silêncio, o controle de uma memória coletiva mais complexa. Para tentar reconstituir o passado driblando limitações impostas pela naturalização do presente, recuamos aos primeiros anos do torneio, antes de ser vencido por algum clube brasileiro. Analisamos a cobertura do *Jornal dos Sports* na primeira conquista da competição por um sul-americano, o Peñarol, do Uruguai, em 1961, à luz dos estudos de Halbwachs (1990) e de Pollak (1992) sobre memória social.

PALAVRAS-CHAVE

Jornal dos Sports; Peñarol; Copa Intercontinental; primeiro campeão sul-americano

CORPO DO TEXTO

Introdução

Este texto é parte de uma pesquisa mais ampla sobre como a imprensa brasileira nomeava e hierarquizava os diferentes torneios internacionais dos anos 1960 até o início dos anos 1990, cujos organizadores proclamavam seus vencedores “campeões mundiais”. Examina-se, ainda, como essa memória passa por novos enquadramentos quando o Mundial de Clubes passa a ser tratado, no Brasil, como campeonato mundial, sendo transformado no principal objeto de cobiça de imprensa, clubes e torcedores. Para entendermos melhor tal transição, decidimos, aqui, recuar aos primeiros anos do

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação, Professor do Curso de Jornalismo da FCS-UERJ, email: sms306406@hotmail.com

torneio, antes de ser conquistado por algum clube brasileiro. A metodologia escolhida foi pesquisar como o *Jornal dos Sports* cobriu o título do primeiro clube sul-americano campeão do torneio, então, chamado oficialmente de Copa Intercontinental. Buscou-se, assim, ao tentar “isolar” as paixões do presente em relação às conquistas de clubes brasileiros, examinar se a importância do torneio naquele período independia do país do time que o conquistasse. Entendemos como Pollack (1992) e Halbwachs (1990) ser a memória de uma comunidade coletiva e social e não apenas individual.

Compreende-se, ainda, que a memória é mutável de acordo com diferentes contextos e paradigmas. Por isso, ao tentar “capturar” os registros dos contemporâneos de determinado período não se objetiva congelar aquele tempo, mas inseri-lo num processo mais amplo de construção de memória e identidade no universo do futebol, um dos principais itens constituintes da identidade nacional.

A opção pelo *JS* deu-se por tratar-se do diário esportivo de maior tiragem daquele período (Buarque, 2003), o que incluía um espaço denominado “Excursões dos clubes brasileiros (A. do Sul e Europa)”. Tal observação indica que, para sabermos se tal tipo de cobertura era uma singularidade desse jornal ou um padrão da imprensa da época, teremos de estender a pesquisa a outros veículos, incluindo generalistas – aqueles que tratam de outros temas além de esportes. Optou-se, assim, por uma pesquisa exploratória, que jogue luzes na pesquisa mais ampla acima mencionada.

Recorremos àquele jornal, também, em conformidade à tese de “jornal principal” (TRAQUINA, 2005), largamente desenvolvida nos estudos sobre o jornalismo desde os anos 50. Une-se, assim, tiragem e influência. Por isso, apesar da ressalva sobre a necessidade de comprovar-se a existência ou não de um padrão em relação a outros periódicos, analisar a cobertura do *JS* das finais daquele ano pode nos ajudar a compreender aspectos relevantes do processo de apropriação do jornalismo esportivo e dos torcedores de tal torneio. Tais observações estendem-se às diferentes nomeações destinadas à competição e à detecção de contradições emblemática, em relação, por exemplo, ao tratamento hierárquico. Citemos apenas algumas passagens que ilustram tais contradições.

Por vencer a Copa dos Campeões da América³ de 1961, o time uruguaio classificou-se para a final contra o campeão europeu daquele ano, o Benfica, de Portugal. O regulamento da época determinava que a decisão ocorresse em duas partidas, uma em cada país dos finalistas. Caso houvesse dois empates ou cada time ganhasse um jogo, independentemente do saldo de gols, haveria uma terceira partida, no país em que fosse disputada a segunda. Em 30 de agosto de 1961, o *Jornal dos Sports* anunciou em matéria no meio da primeira página: “Penarol⁴ chegou a Lisboa e treina para enfrentar o Benfica.”

Em 3 de setembro, nova matéria, cuja distribuição na primeira página dá pistas interessantes sobre o lugar destinado ao torneio na hierarquia do futebol brasileiro, o que se refletia na diagramação daquele importante diário esportivo. Mais uma vez sem emplacar a manchete do dia, a matéria foi publicada, agora, embaixo da nota “Football Pelo Brasil”, com a relação dos jogos que seriam disputados naquele dia no país; e do título “Placard (sic.) internacional de hoje”, com os resultados de partidas em nove países europeus e na Argentina. Só então, vinha a chamada “Benfica E Penarol Decidirão Amanhã O Segundo Título Mundial”, que tratava, basicamente, da abertura da competição e das campanhas das duas equipes até chegarem à final.

‘Fifa não reconhece título’ x disputa pela ‘supremacia mundial’

No dia seguinte, mais uma vez, a manchete é sobre uma competição estadual: “América, Bangu E S. Cristóvão, na corda bamba”, numa referência à campanha das três equipes no Campeonato Carioca. Abaixo dela um título com ressalva significativa: “Penarol E Benfica Hoje Em Lisboa: Fifa Não Reconhece Título.” A menção ao não reconhecimento oficial pela Fifa será a primeira de uma sequência de ambiguidades com que o jornal trata a importância do torneio.

³Primeiro nome recebido pelo torneio, organizado pela Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol), que, inicialmente, era disputado apenas pelos campeões nacionais da América do Sul. A partir de 1965, é rebatizado como Libertadores da América, numa homenagem aos líderes políticos, como Simón Bolívar e José de San Martín, que libertaram países da região do jugo europeu.

⁴Ao longo da cobertura, por diversas vezes, o jornal grafa o nome do time uruguaio sem o til em cima do “n”. Em outros, respeita a grafia original Peñarol. Reproduzimos a forma utilizada em cada matéria, entendendo que tal duplicidade também pode dar uma pista da menor familiaridade do jornalismo local com nomes de clubes de países vizinhos, num período de intercâmbio futebolístico bem mais reduzido do que se estabeleceria a partir dos anos 1990.

Na mesma edição, a competição merece, pela primeira vez, uma manchete de página, na seção “No Brasil e no Mundo”, que parece contradizer a ressalva da página inicial: “BENFICA E PENAROL INICIAM A DISPUTA PELA SUPREMACIA MUNDIAL”. Afinal, um torneio não reconhecido pela entidade maior do futebol internacional vale ou não a supremacia global? A própria diagramação em que a notícia foi espremida parece alimentar tal contradição. Apesar de ser a principal matéria da página, teve direito apenas a três das cinco colunas do jornal e disputava lugar com o anúncio da venda de uma Vespa, da concessionária paulista Cassio Muniz, com ilustração e espaço, pelo menos, cinco vezes maior do que a matéria.

No dia 5 de setembro, a manchete da primeira página não foi a vitória do Benfica, mas “Mais De Um Milhão Viram (sic.) O Turno Eliminatório”, que quantificava o público dessa fase do Campeonato Carioca. Ainda antes da matéria da final, havia o registro “Escolhidos Os Campos: América E Olaria, Na Gávea”, sobre os locais em que seriam realizadas as partidas da sequência do Carioca. Só então, vinha a chamada: “Um Gol de Coluna Liquidou o Penarol”. E uma mudança no tratamento dado ao torneio: “O Benfica iniciou a disputa da chamada “Copa do Mundo de Clubes” vencendo o Penarol, por 1 x 0, ontem à noite, no Estádio da Luz. (grifo nosso).” Os espaços e as contradições não mudam qualitativamente até a edição seguinte ao final do torneio.

No dia 17 de setembro, véspera da segunda partida, agora, no Uruguai, a chamada para o jogo, diagramada dentro de um quadro com o título “Peñarol x Benfica”, era apenas a sétima matéria do alto para baixo da página. Na página 4, a Rádio Guanabara pública anúncio avisando que vai transmitir o jogo. Na página 7, a manchete era: “Botafogo Foi Recebido por Jango E Enfrenta Hoje o Guará: Brasília”. E a terceira matéria em importância: “Se Penarol Vencer, Terceiro Jogo Será Na Próxima 3ª Feira”. Na página 8, enfim a manchete: “Benfica Joga Hoje Seus Dois Por Cento De Chance Contra Dez do Penarol”, seguida de ilustrações com “bonecos” dos jogadores dos dois times, acompanhados de breve apresentação de cada um.

Apesar de, na véspera da partida, merecer transmissão por rádio carioca e matérias em duas páginas, no dia seguinte, na edição de 18 de setembro, a matéria “Penarol Goleou O Benfica: 5 x 0” era apenas a sexta da primeira página. Numa

página interna, o título repetia a informação em matéria de pouco destaque. Já no dia 19 de setembro, na primeira página, “Penarol x Benfica: Match Decisivo” chamava para continuação na página 4, em que o jornal titulava: “Penarol E Benfica Decidem Hoje O Título Mundial”. Ou seja, apenas duas semanas após colocar em dúvida o caráter da conquista, o *Jornal dos Sports* volta a nomear a conquista como mundial.

Simca e título mundial

Já na quarta-feira, 20 de setembro, o *JS* titula: “Peñarol é o novo campeão mundial”, a propósito da vitória por 2 x 1 do time uruguaio, na terceira e decisiva partida. A chamada é encabeçada, **no entanto, por foto com os jogadores uruguaios perfilados antes da partida e por legenda que reforça** a contradição que marca a forma de nomear a competição: “Em partida tumultuada, que terminou com inopinada agressão do jogador José Augusto ao juiz da partida, e do técnico Scarene, do Peñarol, a um dirigente do Benfica, o campeão uruguaio levou a melhor, tirando da Europa o privilégio de ser a detentora da Copa dos Clubes Campeões (grifos nossos).”

Registre-se que, nem na edição que trata da conquista do título, o torneio conseguiu emplacar a manchete do *Jornal dos Sports*, mesmo sem ter havido partidas do Campeonato Carioca na véspera. A principal notícia da página é: “Clubes Vão Pedir A Deputados Majoração De Ingressos”. Ela é seguida pela informação de que Pelé fora suspenso por dois jogos; por noticiário de que o embaixador brasileiro na Nova República de Gana estava incumbido de conseguir bolsas para todos os jogadores brasileiros que desejassem ajudar Gana e Nigéria a “melhorar o nível do seu futebol”.

Além disso, uma curiosidade emblemática: alinhada à esquerda da notícia sobre o título, a matéria “UBIRAJARA: ‘O SIMCA SERÁ MEU’”, era uma referência ao concurso Ídolo dos Ídolos, instituído pelo *JS* e pela montadora Simca para o jogador mais votado pelos leitores. A chamada trata do desejo do então goleiro do Bangu de ser o escolhido e da promessa do seu clube de “quebrar lanças para dar ao valente guarda-valas alvirrubro o presente símbolo instituído pelo JORNAL DOS SPORTS e Simcar S.A.”. Acima do título, o sorridente Ubirajara sentado no capô do carro do concurso chama mais atenção do que a foto dos

campeões. Por enfim, na página seis, a manchete de página: “Penarol É Campeão do Mundo: Dois A Um” – ilustrada por foto em que se vê a faixa “Bienvenido BENFICA” ao lado dos jogadores que saúdam a torcida. Nos dias seguintes, o jornal já não mais repercute a conquista do time uruguaio.

Conclusão

Temos, assim, uma relação complexa, em que o periódico de esportes mais vendido no Brasil noticia todas as três partidas da final da Copa Intercontinental, mesmo sem a presença de um clube brasileiro, vai proclamar o vencedor campeão mundial, mas, na mesma edição, nomeia o torneio como “Copa dos Clubes Campeões”. O mesmo jornal, que já alertara que a Fifa não reconhecia a competição e se refere a ela como “a chamada ‘Copa do Mundo de Clubes’”, colocando tal condição entre aspas, um conhecido recurso do jornalismo, usado tanto para ironia, como para avisar tratar-se de declaração literal, não deixa de apontar o vencedor como “o novo campeão mundial”.

Tais contradições são mais bem-entendidas se não forem tratadas como erros da praxis jornalística. Nos ajudam a compreender melhor o objeto, se forem olhadas num contexto em que torcida e imprensa orgulhavam-se de o Brasil ter, então, a única seleção tricampeã do mundo (1958, 1962 e 1970), sendo seu futebol alvo de admiração e reconhecimento interna e externamente.

Em tal condição, eram os campeonatos estaduais, particularmente os dos quatro centros com maior visibilidade – Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul – seguidos pelas competições nacionais e, por fim, pelas internacionais, nas quais as vitórias de times brasileiros, diferentemente do contexto atual, não eram exceções, mas recorrentes. Não havia, portanto, ao menos naquele contexto, razões para concentrar todo investimento afetivo numa única competição com um campeão europeu. Nem muito menos todo o processo de validação da qualidade do único futebol tricampeão do mundo, que reunia alguns dos principais jogadores do mundo, como Pelé e Garrincha, para ficarmos apenas nos mais notáveis, o que, também, era reconhecido interna e externamente.

Para uma melhor compreensão de como o processo da relação do jornalismo esportivo foi se desenvolvendo e sendo modificado e para conclusões mais aprofundadas, é necessário, no entanto, avançarmos a pesquisa para incluirmos outras edições do torneio, com ou sem brasileiros nas finais, e estendê-la a outros periódicos,

incluindo as seções de esporte dos jornais generalistas. A edição do Jornal dos Sports daquele 1961, porém, nos dá pistas significativas.

REFERÊNCIAS

HALBWACHS, Maurice. **A memória social**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Rio de Janeiro: Estudos históricos 2 (3), 1989.

sem autor. Jornal dos Sports. Rio de Janeiro. Edições de 30 de agosto a 20 setembro, 1961

SOUTO, Sérgio Montero. **A Imprensa e o Apagamento da Memória dos Campeões Mundiais**. Belo Horizonte: 46º Intercom, 2022

TRAQUINA, Nelson (org.). **Teorias do jornalismo – Volume II**. Florianópolis: Editora Insular, 2005

